

ASCENDA A SUA LUZ

ALEC ALLENBAUGH

Mais de quatro décadas atrás, eu estava no segundo ano de um grande científico no sul da Califórnia. O corpo estudantil de 3200 alunos era um caldeirão de diferenças étnicas. O ambiente era difícil. Facas, canos, correntes, socos-ingleses e, às vezes, alguma arma escondida eram comuns. Brigas e atividades de gangues eram acontecimentos semanais.

Depois de um jogo de futebol no outono de 1959, eu estava saindo da arquibancada com minha namorada. Enquanto descíamos pela calçada cheia de gente, alguém me chutou por trás. Ao me virar, vi uma gangue local armada com socos-ingleses. O primeiro golpe do ataque gratuito quebrou imediatamente o meu nariz, um dos vários ossos que seriam quebrados na surra. Socos voavam em todas as direções à medida que eu era cercado pelos quinze membros da gangue. Mais ferimentos.

Uma concussão cerebral. Hemorragia interna. Acabei tendo que passar por uma cirurgia. Meu médico me disse que, se eu houvesse sido atingido na cabeça mais uma vez, provavelmente teria morrido. Felizmente, não machucaram a minha namorada.

Depois que me recuperei fisicamente, alguns amigos me procuraram e disseram:

- Vamos pegar esses caras! - Era assim que os problemas eram resolvidos. Depois de um ataque, igualar o placar tornava-se uma prioridade. Parte de mim dizia: "Vamos!" O doce gosto da vingança era certamente uma possibilidade.

Mas outra parte de mim pensou melhor e disse não.

Vingança não resolvia. A história tinha demonstrado claramente, vezes sem conta, que as represálias só fazem acelerar e intensificar o conflito. Precisávamos fazer alguma coisa diferente para quebrar a corrente contraproducente dos acontecimentos.

Trabalhando com vários grupos étnicos, criamos o que chamamos de Comitê da Irmandade, para melhorar as relações entre as diferentes raças. Fiquei espantado ao ver como meus colegas estavam interessados em construir um futuro melhor.

Nem todos se dispunham a fazer as coisas de um modo diferente.

Enquanto pequenos grupos de alunos, professores e pais resistiam ativamente àquele intercâmbio cultural, cada vez mais pessoas participavam de nosso esforço para mudar as coisas.

Dois anos mais tarde, candidatei-me à presidência da associação de alunos. Mesmo concorrendo com dois amigos, um deles um herói de futebol e o outro uma "grande figura do colégio", muito popular, a maioria dos 3.200 alunos se juntou a mim no processo de fazer as coisas de modo diferente. Não vou dizer que os problemas raciais foram completamente resolvidos. No entanto, fizemos progressos significativos na construção de pontes entre as culturas, buscando estabelecer um diálogo com diferentes grupos étnicos,

resolver as diferenças sem recorrer à violência e aprender a criar confiança em meio às circunstâncias mais difíceis. É incrível o que acontece quando as pessoas conseguem falar umas com as outras!

Ser atacado por aquela gangue há tantos anos foi, sem dúvida, um dos momentos mais difíceis da minha vida. No entanto, o que aprendi sobre retribuir com amor em vez de desenvolver o ódio tem sido uma força poderosa na minha vida.

Acender a luz ao lado daqueles que vivem na escuridão pode fazer a grande diferença na vida de todos.

Aqueles que levam luz à vida dos outros não podem
impedi-la de iluminar as suas.
JAMES M. BARRIE